

## NARRATIVAS DE MULHERES NEGRAS NO YOUTUBE

AMANDA MAURÍCIO PEREIRA LEITE,  
MARIA LÚCIA ADRIANA SILVA GOMES.

• **RESUMO** - O objetivo central desta pesquisa é identificar como mulheres negras se autorrepresentam em canais do *YouTube* e compreender suas narrativas na contemporaneidade. No âmbito do objeto de estudo, é desenvolvida a partir de um conjunto de sete vídeos produzidos e publicados pelo *YouTube* Brasil, com narrativas de Camila Nunes, Gabi Oliveira, Luci Gonçalves, Mari Ribeiro, Náty Nery, Tia Má e Ramana Borba. As publicações integram a campanha *YouTubeBlack*, em comemoração ao dia da Consciência Negra no país, no ano de 2017. O aporte teórico escolhido foram os Estudos Culturais, uma vez que a abordagem sob essa perspectiva indica que artefatos culturais podem produzir novos comportamentos sociais. O trabalho também propõe uma reflexão sobre as heranças escravocratas do período colonial, a construção da representação social e da identidade da mulher negra no Brasil. Com base nos ensinamentos de Kozinets [18], por se tratar de uma pesquisa de campo *on-line* que se dedica à interpretação de fenômenos que acontecem a partir da interação de pessoas no mundo virtual, utilizou-se como estratégia metodológica a netnografia. Para a análise dos dados, também empregou-se como método a análise de narrativas, a partir do plano da metanarrativa, proposto por Motta [20]. A apreciação dos relatos sob esse aspecto possibilita a percepção de temas ou motivos que levam o narrador a expressar-se da forma que o fazem e a compreensão mais profunda da estrutura social e dos modelos de mundo nas quais estão inseridos. A análise do material demonstrou que representação, representatividade, interseccionalidade e feminismo negro são temáticas que se entremeiam no decorrer das falas das sete entrevistadas e que, algumas vezes, surgem implicitamente.

**PALAVRAS-CHAVE** - *YouTubeBlack*; Mulheres negras; Análise de narrativas.

### I. INTRODUÇÃO

Durante muito tempo, no país que tem parte considerável da composição étnico-racial de seu povo ligada ao continente africano, o que se viu nas telenovelas, nas bancadas dos telejornais, nos comerciais, nas revistas foi um padrão de beleza cujos personagens tinham como características comuns a pele clara, lábios finos, cabelos lisos e nariz 'delicado'. Para fazer sucesso e/ou ter chances de lucro com a venda de algum produto, os heróis, as mocinhas, a 'cara' que agregava valor precisava se encaixar nesse molde.

Esse tipo genérico e limitado de representação se consolidou no Brasil a partir da chegada dos primeiros navios negreiros e foi corroborado pelos meios de comunicação à medida que surgiam. É uma estrutura social que coopera para que a população negra tenha dificuldades em se reconhecer como tal, afinal, não há identificação com às referências sobre negritude apresentadas pelos diversos produtos midiáticos. Quando se fala em representatividade negra na mídia, a situação da mulher negra é de invisibilidade e de silenciamento. Podemos dizer que ainda não há espaço nas mídias tradicionais (TV, rádio, jornais, revistas e outdoors) para sua voz, seus interesses e suas dores.

Todavia, a internet inaugura um novo momento na história da comunicação e aponta uma abertura para a construção

de um novo cenário. As plataformas de informação e as mídias sociais permitem que essas mulheres produzam conteúdos autorais, de forma barata e com alcance mundial. Com apropriação desse ambiente, elas podem contar suas próprias histórias e encontrar apoio e identificação em outras vezes com questões parecidas com as suas.

Diante desse cenário, tomamos o *YouTube* como lócus dessa investigação, por entendermos que esse espaço tem se mostrado bastante eficaz na disseminação de vozes femininas negras. O objetivo foi compreender como essas mulheres se autorrepresentam nessa plataforma e, mais especificamente, verificar como as *youtubers* negras constroem narrativas de si na contemporaneidade. O objeto de estudo é um conjunto de sete vídeos produzidos pelo *YouTube* Brasil e publicados dia 20 de novembro de 2017, como ação comemorativa ao dia da Consciência Negra no país.

Como estratégia metodológica utilizamos a netnografia para a compreensão de manifestações que se dão no ambiente virtual e a análise de narrativas, a partir do plano da metanarrativa, a fim perceber modelos de mundo em que as narradoras estão inseridas.

### II. REVISÃO DA LITERATURA

### **A. ESTUDOS CULTURAIS E POSSIBILIDADES DE PESQUISA**

A julgar pela interdisciplinaridade dos EC, Johnson (1986) avalia que elaborar uma definição do que seria esse campo, poderia se configurar em exercício que reduziria sua importância, no entanto, o autor também considera que as definições são importantes para que não se perca de vista o porquê de ele ser tão necessário para a evolução do pensamento científico.

Assim, para promover maior inteligibilidade a esse respeito, aponta que existem três modelos principais que direcionam as pesquisas dos EC. O primeiro deles são os estudos baseados na produção, que estão relacionados aos meios de produção cultural e podem tanto abordar as formas de controle dos mais poderosos, quanto os meios alternativos de oposição ao que é hegemônico. O segundo modelo são os estudos baseados no texto, focados nas formas dos produtos culturais, levando o entendimento de que podem ser “lidos” por aqueles que estão expostos a eles. O terceiro modelo são os estudos baseados nas culturas de vidas, os quais visam a reflexão sobre políticas de representação que sustentam ‘as formas vividas dos grupos sociais subordinados e criticam as formas públicas dominantes’ [17]. Essa investigação se configura como uma pesquisa de culturas de vida.

Averiguar como mulheres negras na contemporaneidade traz à tona questões relacionadas à constituição identitária, tema bastante explorado no campo dos EC. Segundo Hall [10], o sujeito da pós-modernidade possui identidade instável, assim fazer referência a uma identidade única para defini-lo é incorrer em argumentações equivocadas ou ultrapassadas.

Para ele, todos os avanços sociais, teóricos e tecnológicos ocorridos a partir da segunda metade do século XX propiciaram o “descentramento do sujeito cartesiano”. O surgimento do movimento feminista aparece entre um dos movimentos que mais impactou as estruturas cartesianas de sociedade.

A luta feminista trouxe à tona para o debate público questões que até aquele momento eram cristalizadas e tidas como privadas, tais como família, sexualidade, divisão do trabalho doméstico, cuidado de filhos/as, entre outras. O barulho promovido por esse movimento foi capaz de desestabilizar composições que há muito alicerçavam a sociedade, introduziu mulheres em espaços da vida pública que jamais se cogitara e serviu de pontapé inicial para as discussões acerca das identidades sexuais e de gênero [10].

Escosteguy [5] explicou que à medida em que o pensamento feminista evoluía os EC também eram impactados. As superações relacionadas ao universalismo da mulher dentro do pensamento feminista, por exemplo, que aconteceram principalmente nas décadas de 1980 e 1990 ocasionadas principalmente pelas reivindicações de intelectuais negras, também chegaram aos EC. Ela destaca que o progresso dessa relação trouxe para o CCCS a vocação para uma crítica feminista de mídia.

Ao mesmo tempo que as questões de gênero se firmaram como propulsoras de mudanças na forma de ver o mundo

pelos EC, as questões de raça também trouxeram novos elementos para as proposições sobre a formação de identidades. De acordo com [10], quando os EC surgiram as questões étnico-raciais não se configuravam como uma preocupação epistemológica, na verdade, eram encaradas como assuntos relacionados ao passado, que não justificavam uma abordagem contemporânea à época. Todavia tornaram-se um dos motes principais do referido campo teórico.

Conforme os estudos raciais evoluíam no campo dos EC, mais se fortalecia a noção de que as constituições dos discursos de representação estabelecidos socialmente são mediados pela mídia, que não apenas distorce a realidade, mas participa da formação dos padrões.

Hall [10] explica que a partir da disposição de entender o que não está aparente é que se percebeu as lógicas do racismo, o qual provoca prejuízos sociais por meio do deslocamento (quando tira a culpa do/a agressor/a e a transfere para a vítima), da negação, da capacidade de dar tratamento superficial a questões importantes e do enquadramento limitado de uma cultura. Em uma sociedade racializada, os efeitos do racismo são decisivos não só na constituição das identidades dos sujeitos passivos, mas também na dos que estão na condição ativa. Ele frisa que o racismo é sintoma de um medo interno da convivência com as diferenças, de se perder o poder.

Tanto o feminismo quanto as questões raciais provocaram uma nova maneira de pensar teoricamente o campo dos EC, exigindo que passasse a ser considerado que os processos de construção de identidade não se restringiam a questões relacionadas à cultura de classes, mas também gênero, raça, etnia, geração e orientação sexual.

### **B. IDENTIDADE, REPRESENTAÇÃO SOCIAL, REPRESENTATIVIDADE E INTERSECCIONALIDADE EM PERSPECTIVAS NEGRAS**

Hall [10] considera que a identidade se constitui por meio de um processo de interação e se configura como o resultado de “formações históricas específicas, de histórias e repertórios culturais de enunciação muito específicos”, que impõe ao sujeito o que ele chama de posicionamento social. Essa enunciação de que o autor fala está relacionada às práticas discursivas que já existem antes do indivíduo vir ao mundo.

Partindo desse ponto de vista, Tessarolo e Silva [22] elucidam que o processo de construção das identidades está associado a sistemas de representação, sendo representação compreendida como:

O processo pelo qual membros de uma cultura usam a linguagem para instituir significados. Essa definição carrega uma premissa: as coisas, os objetos, os eventos do mundo não têm, neles mesmos, qualquer sentido fixo, final ou verdadeiro. Somos nós, em sociedade, entre culturas humanas, que atribuímos sentidos às coisas [?], [10].

Segundo Almeida [1], representações que reforçam a inferioridade da pessoa negra ou que concebem homens e mulheres em lugares sociais específicos, poderiam ser entendidas

como mera constatação de uma realidade. Afinal, “mulheres negras são a grande maioria das domésticas, a maior parte das pessoas encarceradas é negra e as posições de mando nas empresas e no governo geralmente está nas mãos de homens brancos” [1]. Porém, explica que ao fazer esse tipo de retrato da realidade, os programas de televisão, as capas de revistas e os currículos escolares não estão expondo a realidade material, e sim, a apresentação da relação concreta que têm com a realidade social.

Os modos de representação dependem de quem os produz e da experiência que tal produtor tem com a realidade que retrata. Entendendo essa ótica, é muito simples compreender o porquê que a lógica da superioridade branca é tão difícil de ser alterada. Em um mundo onde meios de comunicação, posições de poder e de influência e os sistemas de escolarização estão nas mãos do clichê homem, branco, heterossexual e rico, o rompimento de um imaginário limitado não se dá sem lutas.

Nesse ponto, é importante salientar que ser mulher e negra são quesitos que tornam mais vulneráveis as condições desse posicionamento social. Mulheres negras ocupam um lugar de opressão que está entrecortado por dois eixos de subordinação: o de gênero e o de etnia. Essa associação de subordinações é definida por Crenshaw [4] como interseccionalidade, conceito explicado pela autora da seguinte forma:

Utilizando uma metáfora de intersecção, faremos inicialmente uma analogia em que os vários eixos de poder, isto é, raça, etnia, gênero e classe constituem as avenidas que estruturam os terrenos sociais, econômicos e políticos. É através delas que as dinâmicas do desempoderamento se movem. Essas vias são por vezes definidas como eixos de poder distintos e mutuamente excludentes; o racismo, por exemplo, é distinto do patriarcalismo, que por sua vez é diferente da opressão de classe [4].

De acordo Collins [3], o processo de escravidão da pessoa negra foi o responsável pela maneira como essas combinações de opressões de raça, classe e gênero se encontraram e se personificaram em mulher negra, determinando a forma de todas as suas relações, independente se ocorrem no âmbito familiar, profissional ou pessoal.

Almeida [1] considera que esse contexto pode ser mudado. O autor afirma que a representatividade é um dos fatores preponderantes não só na luta contra o racismo, mas também, contra quaisquer outras formas de representação equivocadas. Entende representatividade como “a participação de minorias em espaços de poder e prestígio social, inclusive nos centros de difusão ideológica como os meios de comunicação social e a academia” [1] e aponta dois efeitos importantes gerados a partir dela. São eles: a abertura de um espaço político para que as reivindicações das minorias possam ser repercutidas e o desmantelamento de narrativas que subalternizam essas minorias.

A partir do exposto, é possível assentir que os conceitos de identidade, representação social e representatividade se entrelaçam nas discussões étnico-raciais. A representação

social estereotipada que se tem do indivíduo negro geraram efeitos na forma como estes se relacionam com o mundo a sua volta, com seus pares e consigo mesmo. A representatividade, aliada a novas formas de representação, surge como possibilidade para a quebra de padrões e o estabelecimento de novas narrativas.

Tão importante quanto a presença de negros e negras e a forma como eles e elas são representados nos espaços é a identificação da pessoa negra com a figura ou com os modos de enunciação que se levantam como seus “representantes”, isso porque é essa adesão que influencia sua construção identitária e determina se haverá o rompimento ou se persistirá a manutenção de valores coloniais.

### III. METODOLOGIA

A pesquisa é desenvolvida a partir de sete vídeos produzidos pelo *YouTube* Brasil, com narrativas de *youtubers* negras. As publicações integram a campanha *YouTubeBlack*, em comemoração ao dia da Consciência Negra no país no ano de 2017. As narrativas analisadas são do tipo história de vida, definidas por Gibbs [7] como aquelas em que as pessoas contam como aconteceu determinado fato de sua vida, ou ainda ‘como cheguei onde estou hoje’.

Utilizamos a netnografia e a análise de narrativas como metodologia, sendo que a primeira usa comunicação mediada por computador como fonte de dados para compreensão e/ou representação de um fenômeno cultural [18], e a segunda procura entender como os sujeitos constroem seus significados por meio da expressão narrativa da realidade [20].

A análise foi feita a partir da proposta das três instâncias expressivas de Motta [20]. São elas: a) plano da expressão, que dá ênfase à identificação dos usos estratégicos da linguagem para produzir determinados efeitos de sentido; b) plano da estória, no qual se atenta especificamente ao que é dito (de forma explícita) pelo narrador; c) plano da metanarrativa, por meio do qual se busca compreender os modelos de mundo em que o narrador está inserido, os quais se apresentam de forma implícita na estória narrada.

Optamos pelo estudo das narrativas sob a perspectiva do plano da metanarrativa, por entendemos que, para verificar as principais temáticas presentes nas narrativas das *youtubers* negras e verificar como essas mulheres se autorrepresentam, é o que melhor se adequa.

### IV. RESULTADOS

#### A. O QUE DIZEM AS MULHERES NEGRAS NO YOUTUBE

A internet se tornou elemento decisivo na construção de novas formas de representação de negros e negras, isso porque fez nascer espaços de fala muito relevantes para essas pessoas que antes não se viam nos produtos da indústria cultural e tinham suas causas abrangidas de equivocado nas mídias de um modo geral.

Com o surgimento do *YouTube*, as mulheres negras alcançaram a oportunidade de ver seus conflitos sendo discutidos

por outras mulheres negras, encontraram empatia e representações positivas de si a partir de narrativas de empoderamento. Diante disso, as questões que moveram a pesquisa e que foram identificadas na análise das narrativas foram categorizadas em quatro áreas temáticas, a saber: representação, representatividade, interseccionalidade e feminismo negro.

Essa categorização alicerça o método de análise de narrativas a partir do plano da metanarrativa, por meio do qual podemos compreender as experiências de mundos possíveis, assim como significações do plano ético, moral e simbólico.

## **B. SOBRE REPRESENTAÇÃO**

O processo de escravização da pessoa negra concebeu uma série de feridas sociais que afetam a formação identitária da mulher negra. Nesse sentido, as representações negativas sobre os corpos dessas mulheres foram reforçadas ao longo da história em todos os âmbitos da sociedade e, nesta pesquisa, acabam por influenciar um pensamento sobre a autopercepção como notamos nas seguintes falas:

[...] eu sempre quis fazer uma plástica no nariz, eu achava minha boca muito grande. Porque eu via as meninas que estudavam comigo e elas não eram assim (Ramana Borba).

E essa foi uma foto que... de quando eu vinha meio que visitar a cidade, né? Eu ainda tava com meu cabelo meio alisado na ponta e eu ainda odiava o meu crespo. Então, eu acabava fazendo texturização para ele parecer mais liso, ou caído (Nátaly Nery).

A rejeição dos próprios traços fenotípicos remete ao que Munanga [21] explica como uma tentativa de assimilação aos valores culturais do branco, movimento baseado em uma situação colonial que se perpetuou ao longo da história.

Gomes [8] nos ajuda a entender que o alisamento do cabelo pelas mulheres negras é parte desse desejo pelo embranquecimento. Ser visto pelo outro como pessoa de “cabelo ruim” é algo que aprisiona a autoimagem de mulheres negras, carregar este estigma reforça nelas sua posição de ser inferior na sociedade. No trecho a seguir, é possível confirmar o lugar de importância que o cabelo tem, ele é uma das características mais atacadas em ações de bullying sofridas por crianças negras.

E aí eu sofria todo tipo de [bullying]... ai, meu cabelo que era horrível, me chamavam de Bob Esponja na escola; o meu dente era separado, então, ficavam dizendo que eu era uma menina divorciada, porque o meu dente era tão separado que parecia que ele era divorciado. É muito difícil quando você cresce aprendendo a lutar contra o que você é, né?, aprendendo a lutar contra sua cor, contra o seu cabelo, contra estrutura do seu rosto, enfim... Tanto que quando eu fui procurar as fotos, eu notei que não tem foto minha da adolescência (Mari Ribeiro).

No relato de Mari Ribeiro é possível extrair o juízo de valor construído socialmente faz com que uma pessoa desenvolva uma imagem de si tão negativa a ponto de não querer registrar as fases de sua própria vida. A questão não é apenas assemelhar-se ao padrão branco, mas, também, esquecer-se de quem se é. Ao dizer “eu notei que não tem foto minha da adolescência”, a entrevistada se reporta a um tempo da vida sobre o qual não tem memória visual física, fato gerado pelo fato de não se sentir bonita o suficiente para o registro.

Livrar-se dessas imagens de controle não é um movimento fácil. No depoimento de Camila Nunes notamos isso de forma bastante incisiva:

Entrevistador: E na escola... Camila Nunes: Ah, o racismo, sempre. Piadas. Nossa, que não foram poucas. Foi o período mais difícil E: Você tinha quantos anos? C.N.: Eu tava na pré-adolescência. Eu tinha...Ai, gente isso é muito tenso [fala com voz embargada, segurando o choro] ...Eu tinha lá pros 13, 14 anos. E: Você tinha falado que o período mais tenso foi na maquiagem... C.N.: Mas foi antes, né? Bem antes. Hoje eu olho pra fotos e consigo ver, porque eu sou madura e segura, mas antes não. Antes disso aqui, não via isso.

A lembrança de experiências negativas levou a entrevistada às lágrimas. Para Collins [3], as mulheres negras sentem a dor de não se encaixarem nos padrões dominantes de beleza cotidianamente, isso porque as imagens de controle que recaem sobre elas são amplamente difundidas na imaginação popular e utilizadas como base não apenas por homens brancos e negros e mulheres brancas, mas também pelas próprias mulheres negras.

As entrevistadas também relatam experiências que demonstram que as mulheres negras possuem lugares sociais específicos dentro do sistema de representações no qual estão inseridas, ou seja, existem certos padrões de posicionamento social esperados que elas se encaixem.

Meu pai é funcionário público, minha mãe professora. Eu sempre tive acesso a determinadas coisas materiais. Estudei em escola particular minha vida toda. E eu sempre tive em espaços onde eu era a exceção. Naquele lugar, onde a maioria era branca, tava lá eu e minha irmã sendo o a ameixa do pudim, o pontinho preto da parede e muitas vezes as pessoas queriam saber porque eu estava lá. Perguntavam se eu tinha bolsa, se eu era filha da tia da limpeza, porque era assim que as pessoas chamavam. E quando eu dizia... dizia que não, aquilo para aquelas pessoas era assustador. (Tia Má).

A existência daquelas duas mulheres negras (Tia Má e sua irmã) era vista com estranheza pelos colegas porque na cabeça deles aquele não era lugar delas, tanto que a razão mais lógica era pensar que eram bolsistas ou que tinham desconto na mensalidade para estudarem ali por serem filhas de alguma funcionária. E, perceba, não era qualquer funcionária,

era a ‘tia da limpeza’. No imaginário dos colegas, o trabalho em serviços gerais era o lugar mais óbvio para mãe de duas meninas negras.

Ramana Borba, a mais nova entre as entrevistadas (tinha 16 anos na época da gravação da série), já carregava em seu relato a consciência de que as formas de representação são ensinadas e cita como exemplo um dos principais sistemas utilizados para a construção desses lugares sociais: a escolarização.

Eu tô ainda na escola e uma coisa que eu acho que é muito importante também é como os professores vão te passar a sociedade negra para você. Eu acho que isso importa muito, você sempre escuta que eles eram escravos e tal tal tal e ninguém fez nada, não sei o quê. E você fica: “Ah, mas então isso não é uma coisa boa”. E quando você pesquisa a história ver que eles não eram escravos e sim pessoas que foram escravizadas ou que eles fizeram muito para o país aonde nós moramos, que fizeram muitas revoluções para o mundo você começa a entender e a querer entrar para o movimento (Ramana Borba).

A esse respeito, Gomes [8] observou nos depoimentos de homens e mulheres negras que a escola é citada de forma recorrente como um espaço de tensão para a construção da identidade negra.

Nesse percurso, os negros deparam-se, na escola, com diferentes olhares sobre o seu pertencimento racial, sobre sua cultura, sua história, seu corpo e sua estética. Muitas vezes esses olhares chocam-se com sua própria visão e experiência de negritude [8].

A autora destaca que na maioria das vezes a instituição escolar aparece na lembrança das pessoas negras como lugar de reforço de estereótipos e representações negativas sobre seus corpos e seu padrão estético. Por óbvio que Gomes [8] elucida que a educação não se reduz à escolarização, na verdade – segundo a autora - ela se perfaz em espaços díspares, tais como família, comunidade, instituições religiosas, trabalho, entre outros. Contudo, sugere olhar com atenção para a escola por considerar que as vivências nesse ambiente são bastante marcantes para o indivíduo negro. Essa percepção aparece na análise das narrativas das mulheres entrevistadas nesta investigação. As que falaram dos tempos de escola não o fizeram sem ressaltar que foi um período marcado por experiências constrangedoras.

As formas de representação baseadas no racismo estrutural geram efeitos que vão além de questões de autoestima e autoaceitação, elas também reforçam a vulnerabilidade a diferentes formas de violência física a que estão expostas as pessoas negras. Uma das entrevistadas é mãe de um menino negro e demonstrou o temor que sente em relação à vida do filho:

Meu maior medo: meu filho. A gente mora na periferia e eu tenho muito medo quando meu filho quer sair para algum lugar, ainda mais que ele tá crescendo. Ele tá com 9 anos, eu sei quando ele

fizer 13, ele vai ter a cara do alvo preferencial da morte violenta, que assombra a juventude negra. Eu faço tudo para que ele tenha o futuro assegurado, que ele tem direito ao dia seguinte (Tia Má).

O medo de Tia Má não é sem precedente, de acordo com o Atlas da Violência 2019 do IPEA, o perfil das vítimas com mais probabilidade de morte violenta intencional no Brasil são homens negros, entre 15 e 19 anos. Os números gerais demonstram que no ano de 2017 dos 65.602 homicídios ocorridos no país levantados pela pesquisa, 49.529 foram de indivíduos negros (definidos como a soma de indivíduos pretos ou pardos), desse total 73,1% homens negros [2].

Graças a uma estrutura social corrompida e a um imaginário coletivo equivocados, as mulheres negras são as que mais correm risco de perder seus filhos ainda na juventude. Tia Má é mais uma mãe negra, entre tantas, que só quer que seu filho tenha ‘direito ao dia seguinte’.

Diante do recorte das falas fica evidente que ainda é atual discutir a herança colonial em nosso país. Até porque, se ainda hoje – em pleno século XXI - mães negras continuam sendo as que mais choram por filhos mortos em situação de violência; mulheres negras ouvem pessoas lhe dizerem que são clarinhas para ser considerada negra e outras tantas expressões que buscam ‘minimizar’ sua negrura como forma de elogio, ou – por outro lado- reforçá-la a fim de indicar um aspecto negativo (coisa de preta, não sou tuas nêga, cheiro de preto, etc); compreendo que não seja mimimi (vitimização), mas, sim, urgente reivindicar novas formas de representação relacionadas à imagem da pessoa negra no Brasil e ocupar espaços de influência.

### C. SOBRE REPRESENTATIVIDADE

Nas narrativas analisadas nesta investigação foi possível extrair um pouco sobre a relação das entrevistadas com as mídias e evidenciar que na infância e na adolescência a televisão era a principal mídia acessada por elas:

Então, quando pequena, eu me lembro que eu chamava meu pai e minha madrastra e eu encenava coisas, tipo, que eu via na televisão. Isso, sei lá, com seis anos, sabe? Eu gostava muito, até que eu aprendi a chorar, gente eu era muito global (Ramana Borba).

Então, eu tinha muito tempo de viajar total na maionese, assim. E aí uma das coisas que eu queria ser, além de cantora, atriz, era apresentadora [...] Sempre gostei muito de televisão, audiovisual, mas desde bem criança eu viajava... sempre gostei muito de ver filme, de ver novela (Mari Ribeiro).

É possível perceber que existia um encantamento com o mundo da TV. Na fala de Ramana, por exemplo, ela chega a dizer que era muito “global”, fazendo referência a Rede Globo, uma das maiores emissoras de TV no Brasil e Mari, menciona seu interesse por novelas, um dos principais produtos da televisão brasileira.

Apesar do encantamento e do o desejo de fazer parte daquele contexto, por meio dos relatos também foi possível

perceber que aquele meio revelava a elas o peso de sua negritude e a estrutura social branco-normativa na qual estavam inseridas:

E as minhas referências na infância, na pré-adolescência sempre foi a Mial do RBD, completamente diferente, né? Loira, branca, alta, magra, rica. Eu tentei me aproximar assim. Eu tinha uns 16 anos e eu estava prestes a casar, meu primeiro casamento, e usava uns apliques. Eu também fui loira. Eu tentei ser loira, meu sonho era ser loira. E usava bases mais claras também no meu rosto. Eu tentava ficar bem parecida mesmo (Luci Gonçalves).

Para ser Mía Colucci, uma menina negra, de cabelo crespo, com traços físicos mais arredondados e moradora de comunidade, como Luci, precisava se afastar muito de si. Não se ver na televisão era (e ainda é) algo comum para essas mulheres, por isso é importante normalizar a presença da mulher negra, e não só presença, mas, também, sua existência nestes veículos.

Normalizar não é apenas ter pessoas negras nos espaços, mas, tê-las com representações diversas. De certa forma, o *YouTube* tem conseguido abrir as portas, fazendo com que as novas gerações tenham acesso a um conteúdo com maior diversidade.

Ainda sobre a questão da normalidade da existência da pessoa negra em diferentes veículos de comunicação, Gabi Oliveira fala sobre como se sentia representada em dois seriados de TV que traziam famílias negras como protagonistas:

Eu tenho 25 anos, né?...então eu já tô começando a pensar na questão da família. É muito engraçado que quando esses seriados começaram a passar na televisão: Um Maluco no Pedaco, Eu A Patroa e as Crianças, eu não entendia muito bem porque eu me identificava com eles, assim. E esses seriados, eu acho que são muito ligados a isso: são famílias, querendo ou não, de classe média e que estavam ali representando uma normalidade, sabe?, eram só famílias. As questões raciais tavam sim... tem alguns diálogos do Will [personagem principal de Um Maluco no Pedaco] que ele fala sobre a questão racial e tal. Mas é porque questão racial perpassa pelas nossas vidas, mas não era o foco do seriado. O foco era na vida deles, assim (Gabi Oliveira).

Os dois seriados mencionados por Gabi, Um maluco no Pedaco e Eu a patroa e as crianças, são produções estadunidenses veiculadas no Brasil no início dos anos 2000, pela emissora de televisão SBT. Como bem sinalizou a entrevistada, ambos os programas abordavam com humor o cotidiano de duas famílias negras bem-sucedidas, mas eram exceções nas grades de programações.

E em se falando de representatividade e da sua importância, a tomada de consciência faz com que negros e negras também reconheçam os seus semelhantes ocupando posições 'não-óbvias' de privilégio e influência, passem a olhá-los mais empaticamente, tendo-os como referência.

O acesso às novas narrativas oportunizadas pelo *YouTube*, permite as mulheres negras a desalienação sobre sua própria existência e de sua ancestralidade, segundo Fanon [6], essa desalienação acarreta a tomada de consciência das realidades econômicas e sociais.

Além disso, a trajetória que vão construindo com suas próprias vivências e narrativas dentro da plataforma faz com que se reconheçam como componente de representatividade relevante e assumam para si a responsabilidade de haverem se tornado referência para outras mulheres negras.

E essa foto aqui [fala apontando uma foto que está sobre a mesa], na verdade é porque aqui não dá para ver muito bem, mas foi na minha primeira viagem internacional. É lá em Paris. Eu estava muito, muito, muito feliz, muito contente. É fruto do meu trabalho, fruto de algo que começou tão espontâneo, sabe? E, assim, que tem um... eu sei que tem um valor muito grande e o que mais me motiva, é o que eu sempre falo, são as meninas, sabe? Tipo, minhas seguidoras. Porque, nessa viagem mesmo, eu recebi tanto comentário, assim, positivo, tanto feedback do tipo: 'Camila, parece que eu tô junto com você!' Que representatividade, sabe? Nesse meio que eu vivo, a gente não encontra muita representatividade, que façam coisas que... como eu vou falar... que...pessoas brancas fazem... sabe? (Camila Nunes).

Diante de tudo que temos abordado neste trabalho, na fala de Camila sobre ter mulheres negras fazendo "coisas que pessoas brancas fazem" fica subentendido que viajar para Paris é coisa de branco. Mesmo assim, Camila, uma mulher negra, está lá compartilhando sua experiência de ocupação de um lugar que não é o esperado para ela. Pela maneira como ela frisa o entusiasmo das seguidoras que acompanham sua viagem, fica demonstrado que as seguidoras compreendem a relevância disso.

Todas as entrevistadas possuem seus canais no *YouTube* e necessariamente são produtoras de conteúdo. Elas próprias, a sua maneira, perfazem a representatividade negra nesse ambiente, inspirando e representando outras mulheres. Contudo, elas também são espectadoras, Mari Ribeiro compartilhou que foi vendo vídeos de outras meninas de cabelo crespo que conseguiu lidar melhor com o seu próprio cabelo quando parou de alisá-lo e estava na fase de transição entre liso e natural:

Foi um período horrível, né? Ficar com duas texturas de cabelo, enfim, tudo mais, e que o *YouTube* me ajudou muito porque encontrei milhares de meninas que estavam passando pela mesma coisa. E aí tinha indicação de creme, de tudo. E aí que eu comecei a ler sobre as questões raciais, sobre o que representava aquilo. Aí eu: 'gente, eu não estou sozinha' (Mari Ribeiro).

A seguir, vamos analisar como o conceito de interseccionalidade é expresso e vivenciado pelas entrevistadas.

#### D. SOBRE INTERSECCIONALIDADE

As questões de interseccionalidade não se apresentaram de forma explícita nas narrativas, conseqüentemente, as considerações levantadas aqui são inferições baseadas na confrontação dos relatos com dados e estimativas de institutos de pesquisa e, ainda, na fundamentação teórica que sustenta esta investigação.

Mari Ribeiro ao falar de sua mãe como referência em sua vida, diz: “hoje tendo consciência de tudo que eu tenho de como é a vivência de uma mulher negra numa sociedade racista e machista, eu admiro tudo que ela fez pra me criar sozinha, né?”

Apesar de a entrevistada não fazer menção ao termo interseccionalidade é possível compreender que é sobre isso que se trata sua observação. Existe uma consciência de que as condições de gênero e de raça que caracterizam a vida de sua mãe foram fatores que de alguma forma [não verbalizada por Mari] marcaram a construção da identidade de ambas.

Estar em determinados eixos de subordinação predispõe os atores sociais a certas vulnerabilidades e a fazerem parte de estatísticas peculiares. O fato de Mari ter sido criada apenas pela mãe é uma dessas incidências. Mari nasceu em 1990 e em Pesquisa sobre Padrão de Vida (PPV 1996-1997) realizada pelo IBGE foi demonstrado que:

Quanto ao estado civil dos 8,1 milhões de mulheres de todas as idades (12 a 49 anos) que tiveram filhos nascidos vivos nos cinco anos anteriores à pesquisa, 35,7% delas eram solteiras. Multiplicando esse número pela média de filhos tidos vivos nesses cinco anos segundo o estado civil das mães, chega-se à estimativa de que 37% das crianças nascidas durante esses anos nasceram de mães solteiras. Da mesma forma que com as mães adolescentes, existe uma forte associação entre a mãe solteira e pobreza. De fato, 73,8% das mulheres solteiras que tiveram filhos nascidos vivos nesses cinco anos pertenciam aos 50% de domicílios mais pobres [14].

A despeito de toda a problemática que envolve a trajetória escolar de negros e negras, fica evidente que a educação é algo muito caro para o grupo de mulheres que tiveram suas narrativas analisadas nesta investigação.

Durante anos da história, o binômio mulher/negra era incompatível com escolarização. Nas últimas décadas é possível notar um avanço desta realidade, todavia, os índices demonstram que há ainda um caminho muito longo a ser percorrido rumo a um mundo de oportunidades similares para todos. Em pesquisa sobre Estatísticas de Gênero, o IBGE [14] divulgou que existiam quase 14 milhões de analfabetos<sup>2</sup> no Brasil naquele período, desse total 68% são pessoas negras (pretas e pardas) e dentro desse universo 66% são mulheres negras (pretas e pardas). Além disso, uma pesquisa mais recente [13] demonstra que em 2018 a taxa de conclusão<sup>3</sup> do ensino médio da população preta ou parda foi de 61,8%, já a da população branca foi de 76,8%.

Diante desse dado, é possível compreender porque Luci Gonçalves se mostrou tão comovida ao mostrar a foto do dia da sua formatura no ensino médio:

Luci Gonçalves: [...] esse dia foi o dia da minha formatura. E olhar essa foto me deixa um pouco emocionada, porque foi bem difícil mesmo terminar o ensino médio.

Entrevistador: Por quê?

L.C.: Porque eu não tinha meus pais na época, eu era casada [...] eu era bem novinha e mesmo assim eu consegui chegar no final do ensino médio, comprar meu vestido com meu próprio dinheiro. E é muito orgulho pra mim, porque era pra ser uma coisa fácil na vida das pessoas, na maioria das nossas vidas não é (Luci Gonçalves).

As desvantagens sociais gerais que assolam grande parte da população negra fazem com que esse caminho da ascensão por meio da educação seja mais difícil para as mulheres negras. Nas narrativas, a conclusão da graduação foi lembrança citada de forma emocionada por algumas entrevistadas. Gabi Oliveira demonstrou satisfação e orgulho ao relatar que antes dela ninguém em sua família tinha concluído uma faculdade:

E eu trouxe essa foto aqui [fala apontando uma foto para a câmera] do dia da minha formatura, junto com o meu pai e com a minha mãe. Essa foto, obviamente, é muito significativa pra mim, porque eu fui a primeira pessoa da minha família a pegar um diploma, a me formar. Então, essa foto realmente me emociona e é uma foto que eu quero guardar assim. E minha mãe guarda e meu pai guarda com muito carinho, porque foi uma realização pra eles.

Ao ratificarem a importância dos estudos em suas vidas essas mulheres trazem à tona um recorte importante do cenário brasileiro no que diz respeito à interseccionalidade, o ingresso e a permanência no sistema de ensino muitas vezes pode ser um sonho inacessível, principalmente, quando se é mulher negra no Brasil.

O conhecimento é algo bastante valioso para o movimento de tomada de consciência da pessoa negra, por meio do qual é possível se inteirar da história dos seus ancestrais, entender os contextos e construir escudos contra as formas de opressão e vencer os ‘nãos’ diários, por isso a educação formal é fator preponderante para que novos modelos de mundo se estabeleçam.

No entanto, não foram só em questões relacionadas à educação que identificamos elementos relacionados à interseccionalidade nas narrativas das entrevistadas, Tia Má e Luci Gonçalves, por exemplo, trazem em suas autodefinições, logo no início de suas falas, outros vieses de opressão que as colocam em posição de intersecção que tensionam ainda mais seu posicionamento social.

Eu sou um furacão, eu sou bissexual, eu sou completamente, totalmente desorganizada [...] (Luci

Gonçalves).

Eu sou Maíra Cristina. Eu sou preta, gorda, nordestina (Tia Má).

Ao apresentarem questões relacionadas à sexualidade, corpo e origem para falarem sobre quem são, as duas entrevistadas denotam a importância que esses elementos têm na composição de sua identidade. Se ser mulher e negra já traz uma série de implicações específicas para as pessoas que fazem parte desse conjunto, associados aos fatores mencionados pelas entrevistadas, além do racismo e do machismo, estão expostas as sequelas da LGBTfobia e da gordofobia.

A bissexualidade não foi um tema que Luci desenvolveu na sua narrativa, apenas citou uma vez de maneira superficial, por isso não abordaremos vivências da entrevistada relacionadas a esse aspecto de sua vida. Entretanto, o registro é importante, pois ajuda a compreender melhor a complexidade envolvida na constituição de sujeito da entrevistada.

Tia Má, além preta, se define ainda como gorda e nordestina. Faz isso duas vezes e de forma bem pontuada em sua fala: uma logo no início, outra no final, como para reforçar essa condição. Esses reforços soam quase como um desabafo, ao fazer esse tipo de colocação, ainda que de maneira breve, dá pistas de que essas características física e gentílica influenciam na sua vivência e na forma como é vista socialmente.

Discutir interseccionalidade contribui para a compreensão de que as formas de discriminação não são universais e, por isso, devem ser observadas na sua peculiaridade, até porque, existem índices sociais que incidem de forma diferente a depender de quais eixos de poder estão sobrepostos em determinado grupo. Detectar essas diferenças são essenciais para a construção de um cenário social mais diverso e equilibrado.

Na sequência, vamos verificar os aspectos do feminismo negro que podem ser apreendidos nas narrativas analisadas.

### **E. SOBRE FEMINISMO NEGRO**

Apenas uma das entrevistadas, Nátaly Neri, refere-se a si mesma como feminista. Ela contou de forma bastante descontraída que o seu envolvimento com o movimento negro ocorreu na universidade e mudou a forma como entendia a si mesma e as questões de negritude num contexto geral:

Eu entendia já a questão da negritude na minha vida, mas eu não tinha ideia que entrar nesse curso [Ciências Sociais], ia ter transformado tanto a minha vida e tanto as minhas perspectivas. E aí nessa época eu...Né? Comecei a... Fui morar perto da universidade, tinha tempo livre, não tava fazendo nada. Não tinha dinheiro. “E aí, Nátaly! Vamo ali no rolezinho”, né? “Te mostrar uns negócios, falar umas coisas”. Eu falei: “como assim? O quê que é?” Daí falaram: “uns negócios aí de feminismo, umas coisas aí de movimento negro. Tá afim?” Falei: “nossa! Isso aí é lícito? [risos] Será que dá certo?” Aí começaram a me levar

pra esse submundo, né?, da Universidade. Em que conhecimento e realidade se encontravam. Eu falei: “cara, é isso!” Aí eu me converti, né? Ao santo deus do feminismo no movimento negro [risos]. Era amém Angela Davis, boa noite, amém Malcolm X [risos].

Com certeza, essa nova concepção de si e de mundo que Nátaly adquiriu no seu contato com ideias do movimento negro e mais, especificamente, do feminismo negro, deu a ela uma bagagem cultural capaz de ver com novos olhos as formas de representação social de pessoas negras. Do ponto de vista dos EC, é justamente por conta desse tipo de vivência individual e coletiva que os mass media não possuem o poder total da influência sobre sua audiência, na verdade, essa perspectiva impõe o olhar para o receptor.

Muitas ações de ativismo digital que temos hoje, assim como as que ocorrem nos canais das mulheres que participam desta pesquisa, funcionam como respostas dos espectadores às conformações de mundo que os meios de comunicação tentam impor, principalmente no caso das minorias. Nesse contexto, o pensamento feminista negro ganhou força e evidência capazes de incitar transformações sociais importantes podendo pautar as grandes mídias e mudar suas abordagens.

Collins [3] ensina que ações e vozes de mulheres negras como as das que compõem esta pesquisa devem ser consideradas para o avanço do pensamento feminista negro. Isso porque, apesar de ser um campo teórico que deve ser sustentado epistemologicamente, o feminismo negro não é apenas coisa de mulheres negras com conhecimento acadêmico. Ela pondera que o pensamento feminista negro depende das visões e vivências de mulheres negras dos mais diferentes âmbitos sociais e aponta que o caminho é o acolhimento de todas as vozes.

No contexto das nossas entrevistadas, percebemos uma tensão no âmbito temas de militância versus temas de blogueiragem (aqueles temas mais relacionados à realidade da vida de blogueiras, tais como, maquiagem, vlogs, tutoriais). Por exemplo, uma das entrevistadas revelou que já recebeu críticas por não abordar de forma direta no seu canal de maquiagem pautas do movimento negro.

E aí, de uns tempos para cá rolou muita cobrança do tipo: ‘Camila, mas você só vai falar de beleza? você só vai falar de maquiagem? porque não falar de racismo, de empoderamento?’ E aí eu parei para pensar, mas pera qual foi o meu intuito desde o início? não foi quebrar essa barreira? não seria uma forma de...de empoderar? Foi esse o desabafo, sabe? Foi bem assim, bem um papo mesmo, pra dizer qual era o meu intuito aqui. Aqui, aqui...é no *YouTube*, né? (Camila Nunes).

Percebemos neste relato que no mundo das criadoras de conteúdo para mulheres negras também existem divergências. Neste caso específico, as cobranças vêm de outras pessoas negras com posicionamentos ativistas no *YouTube* e que não entendem que falar de maquiagem seja uma pauta

relevante para a causa. Mas, a própria Camila consegue perceber o quão importante é sua presença na rede e que suas postagens, mesmo não tratando de assuntos de militância:

[O canal] Começou de uma forma muito espontânea, muito espontânea mesmo. Só que com o tempo foi ganhando uma proporção e eu fui ganhando seguidoras fiéis. E aí muitas meninas foram falando que se identificava com minha história, é, que eu pude ajudar, que eu pude inspirar e tô aqui até hoje, passando minhas dicas de beleza.

Para Collins [3], experiências como as de Camila e das demais personagens desta pesquisa devem ser consideradas para além de “objetos de estudo”, haja vista que “analisar as ideias e as iniciativas desses grupos excluídos de modo que sejam percebidos como sujeitos, revela um mundo no qual o comportamento corresponde a uma asserção filosófica, e no qual uma tradição vibrante, ao mesmo tempo acadêmica e ativista, se mantém íntegra”.

As experiências compartilhadas ilustram mulheres negras que abriram seu próprio caminho com as ferramentas que lhes eram disponíveis, em um cenário que privilegia padrões nos quais não se encaixam, elas conseguem diariamente vencer paradigmas, se colocar como referência de narrativa divergente não só para outras mulheres com vivências semelhantes as suas, mas para a sociedade em geral. Um movimento muito valioso para a evolução do pensamento feminista negro.

Ainda sobre a ‘obrigatoriedade’ de militar nos conteúdos que produz, Gabi Oliveira traz uma reflexão que justifica a relevância de todo conteúdo ‘não-militante’ que é produzido por mulheres negras e no *YouTube*:

(...) eu acho muito importante a gente tá podendo hoje produzir nesse sentido e a cada dia mais eu...eu percebo que a nossa vida é revolucionária, mostrar nossa vida é um ato revolucionário, assim... A gente tá... No histórico das pessoas negras a gente vê muita morte, muita morte, porque a gente tá em um processo de genocídio e esse genocídio ele nos ataca de todas as formas, então, eu estar viva e está compartilhando isso, eu acho que já é revolucionário, então, eu não vejo que eu vou trair o movimento se eu não pautar certas coisas. Não, eu eu tô pautando de outras formas (Gabi Oliveira).

É comum que existam tensões entre aquelas que lutam pela causa das mulheres negras. Inclusive, no passado, foi por meio da superação das diferenças que se conseguiu construir o que ela chama de poderosa tradição de ativismo das mulheres negras. Por isso, Collins [3] reforça que o desafio da contemporaneidade é justamente o ajuste para que surjam maneiras novas de erguerem umas às outras.

Tia Má conta que sua avó, mesmo na sua simplicidade de vida, compreendia que a chegada de uma mulher negra a algum lugar de influência precisava ser reconhecida e apoiada pelas outras:

Minha vó não era militante, não compreendia da luta racial, mas ela entendia como o racismo opera. E eu me lembro que quando todo mundo me ridicularizou quando eu disse que ia ser jornalista, ela riu e depois ela disse “vá, você vai ser o que você quiser ser” e “você não pode deixar que as outras pessoas impeçam que você seja”. Sempre que ela via uma pessoa negra na TV ela sabia que aquilo era tão raro, tão difícil, que ela dizia “bora ver o que ela tá falando”, porque ela compreendia que ali não era um lugar que a gente estava sempre. (Tia Má).

As bases do pensamento feminista negro estão vinculadas ao empoderamento da mulher negra, a fim de fazê-la reconhecer a si mesma como sujeito de direitos, ser vista socialmente para além dos estereótipos, assim como, considerada nas suas diferenças. Todas as mulheres que participaram desta investigação realizam um importante papel na construção de novas narrativas a respeito da imagem da mulher negra.

Dessa forma, apesar de muitas vezes não utilizarem seu espaço para se posicionarem sobre questões de militância, as vozes dessas mulheres precisam ser consideradas por todas aquelas que se propõem discutir e fazer avançar o pensamento feminista negro, pois elas mantêm viva a história de resistência às diferentes formas de opressão e de apagamento que negros e negras sofreram e ainda sofrem.

## V. CONCLUSÕES

O *YouTube* se tornou elemento decisivo na construção de novas formas de representação de mulheres negras, que antes não se viam nos produtos da indústria cultural. Ao apresentarem suas vivências além da identificação de outras mulheres negras, as *youtubers* ajudam a compor um cenário de normalização da imagem da mulher negra, pois sua apropriação da plataforma impõe a forma como querem ser vistas.

O racismo estrutural é o grande tema por trás das narrativas analisadas. As questões sobre representatividade limitada, representações equivocadas e realidades interseccionais específicas que perpassam as vidas de cada uma das personagens têm raiz na forma como o Brasil administrou as sequelas sociais do período da escravidão.

Apesar de existirem aspectos da vivência negra que são comuns a elas, as diferenças étnicas, de orientação sexual, classe social, posicionam essas mulheres em lugares sociais muito diferentes, por isso, a presença delas é considerada um tipo de influência. E isso nos faz lembrar o pensamento de Hall (2013, p. 385) “é para a diversidade e não para a homogeneidade da experiência negra que devemos dirigir integralmente a nossa atenção criativa”.

## VI. LINK DOS VÍDEOS

- Camila Nunes – [https://youtu.be/T\\_ADhD3bv94](https://youtu.be/T_ADhD3bv94);
- Gabi Oliveira – <https://youtu.be/7Nb3UFkY1xQ>;
- Luci Gonçalves – <https://youtu.be/t30yiSfDdNI>;
- Mari Ribeiro – <https://youtu.be/9JTxlvsxoJA>;
- Nataly Neri – [https://youtu.be/V5M8q\\_g1hyY](https://youtu.be/V5M8q_g1hyY);
- Ramana Borba – <https://youtu.be/YsjUVoGmg>;

- Tia Má - <https://youtu.be/1qeykTpRQnk>.

## Referências

- [1] ALMEIDA, S. L. O que é racismo estrutural? Belo Horizonte, MG: Letramento, 2018.
- [2] BRASIL. IPEA. Atlas da violência 2019. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. 2019.
- [3] COLLINS, P.H. Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. 1. ed, São Paulo: Boitempo, 2019.
- [4] CRENSHAW, K. W. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. Rev. Estud. Fem., v.10, n.1, p.171-188, 2002. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstractpid=S0104-026X2002000100011&lng=en&nrm=iso&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstractpid=S0104-026X2002000100011&lng=en&nrm=iso&lng=pt). Acesso em: 2 nov. 2019.
- [5] ESCOSTEGUY, A. C. Stuart Hall e feminismo: revisitando relações. Matrizes, v. 10, p. 61-76, 2016. Disponível em: <http://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/9664>. Acesso em: 5 ago. 2019.
- [6] FANON, F. Pele negra máscaras brancas. Salvador : EDUFBA, 2008. Disponível em: [https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2013/08/Frantz\\_Fanon\\_Pele\\_negra\\_mascaras\\_branças.pdf](https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2013/08/Frantz_Fanon_Pele_negra_mascaras_branças.pdf). Acesso em: 25 abr. 2018.
- [7] GIBBS, G. Análise de dados qualitativos. Porto Alegre: Artmed, 2008. (Coleção pesquisa qualitativa).
- [8] GOMES, N. L. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 167-182, jan./jun. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v29n1/a12v29n1.pdf>. Acesso em: 28 set. 2018.
- [9] \_\_\_\_\_. Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. 2012. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/?p=1567>. Acesso em: 2 jul. 2017.
- [10] HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DPA, 2006.
- [11] \_\_\_\_\_. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2013.
- [12] \_\_\_\_\_. Raça, cultura e comunicações: olhando para trás e para frente dos EC. Revista Projeto História. n. 31, 2005. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/2308/1400>. Acesso em: 20 nov. 2019
- [13] IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil. Estudos e Pesquisas - Informação Demográfica e Socioeconômica, IBGE, n. 41, 2019. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf). Acesso em: 2 mar. 2020.
- [14] IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades: Palmas, 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/to/palmas.html>. Acessado em 10 de Maio de 2021.
- [15] \_\_\_\_\_. Estatísticas de gênero. 2010. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/?loc=0>. Acesso em: 1 mar. 2020.
- [16] \_\_\_\_\_. Pesquisa sobre padrões de vida 1996-1997: primeira infância. : Rio de Janeiro: Departamento de População e Indicadores Sociais, 2000. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv6974.pdf>. Acesso em: 3 mar. 2020.
- [17] JOHNSON, R. O que é, afinal, EC? 1986. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). O que é, afinal, EC? 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 9-132.
- [18] KOZINETS, R. V. Netnografia: realizando pesquisa etnográfica on-line. Porto Alegre: Penso, 2014.
- [19] KRUSE, M. H. L. et al. EC: possibilidades para pensar de outro modo a pesquisa em enfermagem. Rev Gaúcha Enferm. 2018.
- [20] MOTTA, Luiz Gonzaga. A análise crítica da narrativa. Brasília: Ed.UNB, 2013.
- [21] MUNANGA, Kabengele. Negritude usos e sentidos. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- [22] TESSAROLO, F. M.; SILVA, N. E. S. Claros ou escuros: um passeio pela história do racismo no Brasil. Comunicação - Reflexões, Experiências, Ensino, v. 13, n.13, p. 37- 44, 2017.



**AMANDA MAURÍCIO PEREIRA LEITE**  
Pós-Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP/PPGE). Doutora e Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC/PPGE). Professora e pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade e no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Tocantins (UFT/PPGCOM).



**MARIA LÚCIA ADRIANA SILVA GOMES**  
Mestra em Comunicação e Sociedade pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), especialista em Ensino de Comunicação/Jornalismo: Temas Contemporâneos (UFT - 2017), graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo também pela UFT (2010) e em Direito pela Universidade Estadual do Tocantins (Unitins - 2017).

...

...